

AVALIAÇÃO MICROBIOLÓGICA DE APARELHOS CELULARES DOS ALUNOS DE CLÍNICA CIRÚRGICA I E II DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UFPEL

THAÍS COZZA DOS SANTOS¹; CAROLINE MUNHOZ²; RENATA COSTA SCHRAMM²; FABRÍCIO ARIGONY BRAGA², JOÃO RODRIGO DE LOS SANTOS²; JOSAINE CRISTINA DA SILVA RAPPETI⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – thcs@live.com

² Universidade Federal de Pelotas

⁴ Universidade Federal de Pelotas – josainerappeti@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A infecção hospitalar tem sido um problema frequente e crescente em todo o mundo. Tentar determinar fatores que possam contribuir com a disseminação de microrganismos dentro do ambiente hospitalar faz parte da estratégia de controle deste mal. Os celulares são dispositivos presentes em qualquer ambiente, incluindo os estabelecimentos de saúde. Podem servir de reservatórios de patógenos e, seu manuseio, ajudar na disseminação de infecção nos hospitais (CUNHA et al., 2016).

Stuchi et al. (2013) mencionam que os telefones podem ser fômites potenciais na transmissão das infecções, e que o risco advém da manipulação em momentos intercalados com a prestação de cuidados, da não descontaminação das mãos e do telefone e da ausência dos equipamentos de proteção individual para assegurar o bloqueio da transmissão de microrganismos. Um estudo demonstrou que 47% dos aparelhos presentes em ambiente hospitalar podem carrear bactérias potencialmente patogênicas (STUCHI et. al., 2013).

Grande parte das infecções hospitalares podem ser evitáveis através de medidas que interferem na cadeia de transmissão das bactérias como a higienização das mãos, o processamento de desinfecção dos artigos e superfícies e a utilização dos equipamentos de proteção individual (CAVEIÃO et al., 2017).

O objetivo deste trabalho foi avaliar a presença e qualificar as bactérias em aparelhos celulares de alunos de graduação nas disciplinas de Clínica Cirúrgica I e II do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Pelotas, RS.

2. METODOLOGIA

Foram coletadas amostras de 22 aparelhos celulares pertencentes a alunos das disciplinas de Clínica Cirúrgica I e II, com swabs estéreis, no mês de junho de 2017, dentro do bloco cirúrgico do Hospital de Clínicas Veterinária da UFPel.

As amostras foram encaminhadas ao Laboratório de Bacteriologia da UFPel, na qual foram semeadas em placas contendo Ágar Sangue e incubadas a 37°C por 24 horas em estufa microbiológica.

Nas placas que apresentaram crescimento, as colônias foram analisadas por microscopia óptica. Após, foi realizada coloração por método de Gram, teste de catalase com H₂O₂ a 3% e teste de coagulase com plasma equino, sendo incubadas a 37°C por 24 horas. As amostras que foram positivas ao teste da coagulase foram submetidas à caracterização bioquímica, que compreende em semear em caldos de Urease, Glucose, Maltose, Galactose, Manose, Frutose, Lactose, Sacarose, Manitol, V.P. e V.M. e foram incubadas a 37°C por 24 horas. A partir disso, foram tabuladas e caracterizadas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da semeadura das amostras em ágar sangue, obteve-se 12 placas nas quais não ocorreram crescimento, nove com crescimento de *Staphylococcus* coagulase negativa e uma com o crescimento de *Staphylococcus intermedius*.

Caveião et al. (2016) encontraram em seu trabalho no qual foram coletadas amostras de aparelhos celulares, bactérias do gênero *Streptococcus* e *Staphylococcus*, complementando que os *Staphylococcus spp.* estão presentes na pele e mucosas dos seres humanos e de outros animais e estão entre os agentes mais frequentemente relacionados a enfermidades humanas.

Os processos infecciosos mais comuns incluem: pneumonias, bacteremias, infecções de pele e tecidos moles, infecções relacionadas ao uso de próteses e cateteres venosos. Em animais, Corsini (2012) também citou o *Staphylococcus spp.* como fonte de contaminação do sítio cirúrgico.

Stuchiet et al. (2013) encontraram em 6,7% das amostras coletadas de telefones móveis *Staphylococcus aureus*, que não foi encontrado nesse estudo.

Cunha et al. (2016) obtiveram 75% das amostras, com crescimento para *Staphylococcus* coagulase negativa. Já Silva et al. tiveram prevalência menor, 39% de *Staphylococcus* coagulase negativa, seguido de 36% de *S. aureus*.

Foram encontrados relatos sobre crescimento de *S. intermedius*, em telefones públicos da cidade de Cuiaba (MT) representando 9,7% das amostras (NETO, 2012).

4. CONCLUSÕES

A presença de diferentes microrganismos nos aparelhos telefônicos dos alunos das disciplinas de cirurgia podem levar a contaminações ao bloco cirúrgico do Hospital de Clínicas Veterinárias sugerindo-se a sanitização mais adequada destes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVEIÃO, C.; NOVELLO, N.; SALES, W. B.; VISENTIN, A.; OLIVEIRA, V. B. C. A. Swab de vigilância em aparelhos celulares em hospital de Curitiba. **Cadernos de Escolas da Saúde**, Curitiba, v. 12, p.12-18, 2017.

CORSINI, C. Avaliação da incidência de infecção do sítio cirúrgico, em pacientes e gatos operados no hospital veterinário da UFV, associados a fatores de risco, bactérias isoladas e perfil de resistência aos antimicrobianos. Viçosa, 2012. 69f. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) -, Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2012.

CUNHA, C. B. C.; MORAES, F. R.; MONTEIRO, V. S.; FEITOSA, F. G. M. A.; SILVA, I. T. C. Avaliação microbiológica dos aparelhos celulares de profissionais do Bloco Cirúrgico em um Hospital beneficente. **Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção**, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 3, p. 22-26, jul. 2016.

NETO, A. C.; HARDOIN, E. L.; MACANHAM, D. C.; SILVA, A. P. C. Flora Microbiana de Telefones Públicos Localizados no Campus de Uma Universidade em Cuiabá, MT. **Revista Eletrônica de Biologia**, Cuiabá, v. 5, n. 2, p. 56-72, 2012.

SILVA, L. A.; MUTRAN, T. J.; BOUÇAS, R. I.; BOUÇAS, T. R.J. Identificação e prevenção de microrganismos presentes nos aparelhos celulares de alunos e funcionários da Universidade Cidade de São Paulo. **Science and Health**, São Paulo, v. 6, n.2, p. 118-123, 2015.

STUCHI, R. A. G.; OLIVEIRA, C. H. A. S.; SOARES, B. M.; ARREGUY-SENA, C. Contaminação bacteriana e fúngica dos telefones celulares da equipe de saúde num hospital em Minas Gerais. **Cienc. Cuid. Saúde**, Belo Horizonte, v.12, n. 4, p. 760-767, 2013.